

O FRACASSO NO ENSINO DE MATEMÁTICA E SEUS MITOS

**MORAES, Josiane Pereira de¹; MACIEL, Analécia Domingues²;
ALVES, Antônio Mauricio M.³**

¹Universidade Federal de Pelotas, Licenciatura em Matemática; ² Universidade Federal de Pelotas, Licenciatura em Matemática; ³Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Matemática e Estatística . ¹josipmoraes@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Na rede de ensino observa-se que um grande problema é o fracasso escolar. Em muitos casos o educador para manter-se imune a esta problemática, procura alguém, que assumirá total responsabilidade. Nessa perspectiva este trabalho problematiza algumas questões sobre o fracasso escolar e seus mitos apresentando uma reflexão sobre o verdadeiro papel do educador.

A fim de abordar esse tema buscou-se o embasamento teórico a partir da leitura de livros, artigos e consulta a diferentes sites tornando possível uma análise geral do assunto, sua importância e implicações com a educação.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Ao analisar o fracasso no ensino de matemática percebe-se a necessidade de superação de práticas baseadas apenas no uso de algoritmos por meio da mecanização e repetição. Está presente no senso comum que os conceitos matemáticos são de difícil compreensão, o que reflete em sala de aula um número expressivo de alunos que dizem não gostar de matemática, pela sua complexidade, tornando-se parte da cultura brasileira dizer que os conteúdos matemáticos são difíceis antes mesmo de conhecê-los.

Os alunos precisam ser estimulados a usarem o raciocínio lógico, e os professores devem trabalhar a matemática de forma contextualizada, significativa, deixando de lado o modelo pronto e acabado de ensinar.

O indivíduo necessita ao menos de um conhecimento mínimo em matemática básica, para que possa estar inserido na sociedade contemporânea, pois sem este saber a escola compromete a cidadania do sujeito. De acordo com os PCNs:

A cidadania está presente em um dos objetivos do Ensino Fundamental, apresentados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), em que destaca que os alunos sejam capazes de compreender a cidadania como participação social e política assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito (Secretaria de Educação Fundamental, 2000, p. 107).

Muitos estudantes abandonam a escola, pois não recebem o apoio necessário do professor, saindo das instituições com dúvidas não esclarecidas, que os acompanharão pelo resto da vida, acarretando um número expressivo de pessoas que não entendem a mais básica matemática presente do cotidiano.

Boa parte da população mesmo sem frequentar a escola possui um conhecimento funcional em matemática, resolvendo muitas vezes problemas que envolvem operações de adição e subtração com valores em dinheiro. Enquanto

outros que frequentaram as escolas terminam por esquecerem ou não saberem usar tais conhecimentos, visto que os conteúdos neste caso não são ensinados e sim decorados, fazendo que o mecanismo da repetição substitua o desenvolvimento do raciocínio e da inteligência. Sendo assim:

A conclusão do Ensino Fundamental poderia ser considerada como escolaridade mínima para se alcançar um nível básico de alfabetismo funcional em matemática (INAF, 2004, p.11). (...) as pessoas que declararam ter incorporado a calculadora em sua prática diária (...) alcançaram níveis mais altos de alfabetismo funcional, contrariando o mito que o uso da calculadora impede a pessoa de pensar (INAF, 2004, p. 18).

O fracasso do ensino da matemática muitas vezes se dá pelo descaso que o professor trata a matemática que faz com que os estudantes não percebam nas fórmulas e nos exemplos um contexto no qual eles próprios possam construir e criar se apropriando de uma matemática com sentido para sua existência e exercício da cidadania, útil na rotina diária, pois afinal quando buscamos um conhecimento temos um objetivo a ser alcançado, seja conquistar uma vaga de trabalho, satisfazer o prazer pelo conhecimento, a vontade de entender algo que nos fascina entre tantas outras coisas que nos levam a conhecer um determinado assunto.

Os educadores devem ter como prioridade despertar o educando para essa perspectiva, na qual se desenvolva uma visão geral da matemática abandonando a visão que esta é apenas mais uma disciplina *chata*, em que se vê um monte de “coisas” que nada tem a ver com seu mundo. O atual contexto faz que repetidamente os alunos perguntem: “professor (a) para que eu vou usar isso?” Ouvindo muitas vezes como resposta do professor (a) “no vestibular”.

Diante desta pergunta observamos que o aluno está interessado em saber qual o motivo de estar ali, ouvindo e tentando decifrar o que lhe é apresentado. Uma curiosidade que poderia ser explorada, mas muitas vezes fica limitada pela resposta do professor (a), pois a matemática não se restringe apenas ao vestibular, suas aplicações estão em todas as partes: no supermercado, na pintura de um quadro, nas pontes, viadutos, prédios, bem perto do alcance de todos.

O grande problema é que estamos ligados a uma cultura bastante forte, que só se aprende matemática pela tradicional forma *dura, engessada e seca*. O professor foca sua prática docente em definições, exemplos e exercícios isolados, esquecendo-se que é preciso mais do que isso para que o aprendizado se realize.

A classe precisa ter sua visão ampliada de onde, como e para que serão usados estes saberes matemáticos, para que se tenham despertado o interesse pelos conceitos trabalhados e reconheçam a importância da matemática. Já que ter consciência do próprio aprendizado, é sem dúvida um passo relevante para a formação de um cidadão qualificado, crítico e que sabe discernir o que é bom ou ruim para o seu futuro.

A sociedade vem buscando o êxito profissional, a competência a qualquer custo, e a escola também vem seguindo esse conceito. Deste modo os que não alcançam estes requisitos não conseguem atingir o padrão designado pelas instituições de ensino, onde não são respeitadas as características de cada um sofrendo com o déficit de aprendizagem, assim como se refere Costa (2004).

Os alunos com dificuldade de aprendizado passam a ser rotulados como incapazes de aprender, tornando-se marginalizados pela escola tradicional que não fornece o suporte necessário para a superação deste mito.

A formação do professor não tem contemplado as novas reformulações dos parâmetros educacionais (PCNs), que tem promovido um ensino contextualizado, prática essa que não se atinge quando os cursos de formação não investem nessas características para os futuros profissionais, que não tiveram em sua formação esse aspecto contemplado e assim precisam de muita persistência e acreditar em uma educação melhor para que se tenha coragem suficiente para transpor as barreiras que se apresentam. Práticas inovadoras que diferem da repetição ainda presente no ensino de matemática que promove o abandono do raciocínio lógico do aluno, levando ao fracasso no ensino de Matemática.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

É importante ressaltar que o objetivo deste trabalho é fomentar uma reflexão em torno do fracasso do ensino de matemática e seus mitos, salientando as discussões sobre como são vistos os conceitos matemáticos. Não se obteve resultados concretos de como resolver o problema do fracasso escolar, mas percebemos que é preciso conhecer o aluno individualmente e distinguir o que é próprio dele, quanto as suas dificuldades em relação ao que o sistema oferece.

4 CONCLUSÃO

No presente trabalho procurou-se mostrar que o fracasso escolar vem acompanhado de muitos mitos, e que não existe um único culpado. O sistema designa ao meio escolar o modelo que limita a criatividade e impede uma visão ampliada dos conhecimentos matemáticos, que acabam se resumindo a definições, fórmulas e à repetição de exemplos sem significado, distantes da realidade do aluno.

Portanto, buscar soluções para o fracasso escolar não consiste em culpar um único indivíduo ou componente curricular, mas avaliar a situação do estudante e o seu modo de vida fora da escola, assim como investir no preparo dos professores para lidar com os diferentes casos de dificuldades de aprendizado.

5 REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. 2. Ed. Rio de Janeiro: DPA, 2000.

COELHO, Ana silva Borges figueiral. **O fracasso escolar e os distúrbios de aprendizagem**. Publicado pela Associação Brasileira de dislexia. São Paulo.

COSTA, Marisa Vorraber. Quem são, que querem, que fazer com eles? Eis que chegam às nossas escolas as crianças e jovens do século XXI. In: MOREIRA, Antonio Flávio; GARCIA, Regina Leite; ALVES, Maria Palmira (Orgs.). **Currículo: pensar, sentir e diferir** (v.II). Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

INAF – **Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional**, 2004.

PATTO, Maria Helena Souza. **A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.